

## **A Pesquisa no Kitembo - pistas para a construção de uma psicologia aterrada<sup>1</sup>**

**Abraão de Oliveira Santos (Laboratório Kitembo e PPGPSI/UFF, Brasil)<sup>2</sup>**  
abrahaosantos@hotmail.com

**Viviane Pereira da Silva (Laboratório Kitembo e PPGPSI/UFF, Brasil)<sup>3</sup>**  
vps.vivianepereira@gmail.com

Universidade Federal Fluminense  
Rua Professor Marcos Waldemar de Freitas Reis, s/n, Bloco O  
24210-201 Niterói, RJ, Brasil

---

<sup>1</sup> Texto escrito a partir da fala dos autores, na mesa redonda *Narrativas: como narrar-com?* sob a mediação de Barbara Szaniecki e participação de Daniela Cidade, Mariana Pimentel e Guto Macedo, no Seminário Design.com: Cartografias, Copesquisas, Narrativas, realizado nos dias 24 a 26 de abril de 2018, na ESDI-UERJ. A ser publicado em dossiê do seminário.

<sup>2</sup> Psicólogo, professor do Instituto de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFF; coordenador do Kitembo – Laboratório de Estudos da Subjetividade e Cultura Afro-brasileira. Publicou: A educação e a saúde da população negra, Rev. Ensino, saúde e ambiente, v. 10, n. 3, 2017; Saúde mental da população negra: uma perspectiva não institucional, Rev. da ABPN, V. 10, nº 24, 2018, pp. 241-259; Candomblé and resistance, em Schneider, K e Yasar, B. Situational Diagram, Nova Iorque: Dominique Levy, 2016; Culture africaine au Brésil: Rêve, résistance et singularisation, Chimères, nº 86, 2015. abrahaosantos@hotmail.com  
Professor do Instituto de Psicologia da UFF, coordenador do Kitembo - Laboratório de Estudos da Subjetividade e Cultura Afro-brasileira.

<sup>3</sup> Psicóloga, doutoranda do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal Fluminense, com experiência nas áreas de saúde mental e educação.

## **A Pesquisa no Kitembo - pistas para a construção de uma psicologia aterrada**

**Resumo:** Este texto apresenta a trajetória de pesquisa do Kitembo - Laboratório de Estudos da Subjetividade e Cultura Afro-brasileira -, um aquilombamento universitário onde buscamos a construção de uma psicologia aterrada, conectada com a nossa realidade e as dificuldades colocadas pelas comunidades indígenas, povos de terreiro, quilombolas, moradores de favela, dentre outros. Assim fazendo, o texto trará pistas para a construção de uma pesquisa aterrada na psicologia. Esta busca se dá a partir de um posicionamento crítico em relação ao campo dito científico, em especial à psicologia, marcados pela branquitude e pela construção de uma perspectiva de verdade que desqualifica os saberes negros, indígenas, favelados, de terreiro, periféricos, dentre outros. Tomamos estes saberes não como objetos de nossas pesquisas, mas como referências na construção de modos de pesquisar, conhecer, experienciar, cuidar, lidar com o sofrimento e lidar com os dramas da existência humana. No trajeto, privilegiamos alguns interlocutores, como Carolina Maria de Jesus, Lima Barreto e Conceição Evaristo, Clóvis Moura, Michel Foucault e Isabelle Stengers, bem como cosmopercepções oriundas dos candomblés de tradição ketu e angola-congo.

**Palavras-chave:** Pesquisa aterrada. Psicologia. Povos de terreiro. Indígenas. Favelados.

Estamos no Kitembo desde 2013, onde temos construído uma experiência de Laboratório de Estudos da Subjetividade e Cultura Afro-brasileira. Nesses anos temos formado uma perspectiva de pesquisa em que o termo afroindígena não se apresenta como um tema ou objeto, mas um *modo* pelo qual a gente tem buscado pensar, construir, experienciar e produzir conhecimento. Isso não é simples, muito pelo contrário. Do início do Kitembo até a gente conseguir entender a questão que nos interessava trabalhar foi um longo processo. Quando a gente entendeu que era essa a questão, que se tratava de um certo jeito de fazer, a gente se deu conta de que precisava desconstruir outros modos.

Vivemos em uma sociedade que tem como base dois mecanismos de opressão fortíssimos que nos formam enquanto pessoas: o machismo e o racismo. Todos somos perpassados pelo machismo e pelo racismo, todos somos machistas e racistas por isso, e isso constrói o nosso modo de estar no mundo, os modos como a gente encara a vida, a pesquisa e o trabalho. Entendemos que era preciso desconstruir algo destes mecanismos do racismo para que pudéssemos construir outros modos. Para tanto, tomamos saberes tradicionais, como o jongo, a capoeira e o terreiro como interlocutores, tradições às quais nos dirigimos para buscar ensinamentos. Claro que hoje podemos descrever o processo dessa maneira linear, mas seu desdobramento real em grande parte do tempo foi intuitivo e pouco nítido do ponto de vista racional. Caminhamos na pesquisa de maneira meio espontânea, sem a pretensão de saber onde iríamos chegar. Assim chegamos no momento atual, onde temos encontrado um chão muito mais na literatura e na oralitura do que na ciência em senso estrito. Na verdade a gente entendeu que na ciência estava um grande problema: a ciência moderna se constitui justamente exterminando outros modos de saber. A verdade científica tem pretensões de ser universal, apesar de ser um modo de saber específico, cuja origem tem data e localização geográfica. Trata-se de um modo de saber que quis se constituir como “a verdade”, desqualificando outros saberes como mitos, crenças, credences. Ela se constitui justamente exterminando esses outros saberes que nos interessam, que são nossos parceiros e interlocutores.

Então o grande problema era: como a gente vai pesquisar usando as ferramentas da ciência, dentre as quais está a escrita? Nossa pesquisa tem muita relação com os saberes orais e a gente usa a escrita, a gente está na academia, uma academia altamente embranquecida, como dizem Clóvis Moura (1988) e José Jorge de Carvalho (2003). Então esse era o nosso problema. Aí a gente tem buscado caminhos na literatura. Carolina Maria de Jesus, Lima Barreto, Conceição Evaristo, têm sido alguns de nossos interlocutores na literatura, para citar alguns nomes. Outro campo de

interlocução importante tem sido a oralitura. Muitos de nós no Kitembo somos candomblecistas ou umbandistas, tivemos passagem pela capoeira, pelo jongo e nessas práticas encontramos referenciais e a gente vem tentando construir uma certa perspectiva de psicologia, pensar o cuidado, o sofrimento, a existência humana a partir desses referenciais.

Como a gente busca estes saberes como fontes de ensinamentos, vamos trazer uma história de Exu, que está no livro “Lendas de Exu”, de Adilson Martins. Exu é senhor dos caminhos e nesse seminário nós estamos buscando caminhos, caminhos de pesquisa, de narrativas, caminhos de vida outros, em alternativa ao que temos como hegemônico. Exu é senhor dos caminhos, das encruzilhadas, da comunicação, que é o que nos interessa aqui, porque pesquisa é isso: escrita, comunicação.

Contarei então um itan de Exu que se chama “A melhor coisa do mundo”. No início dos tempos Obatalá não conhecia nada do mundo e por isso ele pediu a Exu que lhe apresentasse algumas coisas do mundo. Um belo dia ele disse: “- Exu, quero que amanhã você me prepare a melhor comida do mundo, a melhor coisa do mundo quero que você faça para eu provar”. No que Exu prontamente concordou. No dia seguinte, Exu foi ao mercado, escolheu uma bela língua de boi, levou para casa, limpou, temperou com cuidado e cozinhou. Quando a língua estava pronta, a serviu a Obatalá. Este se deliciou com a iguaria e logo agradeceu a Exu: “- Exu, muito obrigado. Está uma delícia! Realmente deve ser esta a melhor coisa do mundo. Mas como eu estou curioso em conhecer coisas diferentes, peço que amanhã você me prepare a pior coisa do mundo, porque também quero dela provar.” No que Exu prontamente concordou. No dia seguinte, Exu foi ao mercado, escolheu uma bela língua de boi, levou para casa, limpou, temperou com cuidado e cozinhou. Quando a língua estava pronta, a serviu a Obatalá. Este se deliciou com a iguaria e logo ralhou com Exu: “- Menino, você está caçoando de mim? Ontem pedi que você me cozinhasse o que há de melhor no mundo e você me apresentou uma língua deliciosa. Hoje pedi que você me servisse a pior coisa do mundo e você prepara exatamente o mesmo prato que me ofertou ontem. Esta é mais uma de suas traquinagens?” No que Exu respondeu: “- De maneira nenhuma, senhor! Nunca falei tão sério em minha vida. Acontece que a língua é o que há de melhor e de pior no mundo, depende de como nós a usamos. Se usada para dizer boas palavras, cantar, orar, louvar os orixás, a língua é a melhor coisa da vida. No entanto, se usada para maldizer, fofocar, praguejar, ela é o que de pior pode existir<sup>[1]</sup>”.

Este itan traz um ensinamento muito bacana, um ensinamento que vem do campo oral e por isso fala da língua. Mas podemos trocar a língua pela pena, pela caneta, pelo teclado do computador. Esta tem sido para nós uma

fonte de angústia: como estamos usando nossa língua? O que nossa língua vai comunicar ao mundo? Será que estamos comunicando o que gostaríamos de dizer? Será que estamos reproduzindo o que não gostaríamos de comunicar? Aquilo que achamos que estamos combatendo, será que estamos reproduzindo?

Vamos aqui trazer também um trecho da Conceição Evaristo, intelectual negra que tem textos fantásticos, aos quais temos nos dedicado em nossos estudos. Vamos ler um trecho de Ponciá Vicêncio, um romance lindo e bem curtinho da Conceição. Este é um romance que tem tanta psicologia, que tem tanto sobre a condição da mulher negra. Certamente não se trata da história de qualquer mulher negra, mas de aspectos que perpassam a vida de muitas mulheres negras.

O primeiro homem que Ponciá Vicêncio conhecera fora o avô. Guardava mais a imagem dele do que do próprio pai. Vô Vicêncio era muito velho. Andava encurvadinho com o rosto quase no chão. Era miudinho como um graveto. Ela era menina, de colo ainda, quando ele morreu, mas se lembrava nitidamente de um detalhe. Vô Vicêncio faltava uma das mãos e vivia escondendo o braço mutilado pra trás. Ele chorava e ria muito. Chorava feito criança. Falava sozinho também. O pouco tempo em que conviveu com o avô, bastou para que ela guardasse as marcas dele. Ela reteve na memória os choros misturados aos risos, o bracinho cotoco e as palavras não inteligíveis de Vô Vicêncio. Um dia ele teve uma crise de choro e riso tão profunda, tão feliz, tão amarga e desse jeito adentrou-se no outro mundo. Ela, menina de colo, viu e sentiu o odor das velas acesas durante toda a noite. Viu o braço inteiro do velho sobre o peito. Viu o bracinho cotoco dele. Sentiu o cheiro de biscoito frito, de café fresco dado para as mulheres e as crianças que estavam fazendo quarto ao defunto. Sentiu também o cheiro de pinga que exalava da garrafinha e da boca dos homens sentados lá fora com o chapéu no colo. Ponciá Vicêncio, mesmo menina de colo ainda, nunca esqueceu o derradeiro choro e riso do avô. Nunca esqueceu que, naquela noite, ela que pouco via o pai, pois ele trabalhava lá nas terras dos brancos, escutou quando ele disse para a mãe que Vô Vicêncio deixava uma herança para a menina. (EVARISTO, 2017: 15)

Esse é o trechinho que fala do Vô Vicêncio e ao longo do romance Conceição vai narrando a vida de Ponciá e como ela vai ao longo do tempo desenvolvendo também essa história do rir e chorar, como uma certa paixão que vai se dando ao longo da vida dela.

Ano passado fomos a um encontro de contadores de histórias negras<sup>[2]</sup>. Uma das contadoras a se apresentar foi Eliete Miranda, que é uma

artista incrível e professora de dança afro, uma griô. Ela contou uma história apenas com o corpo, sem usar palavras faladas. Na performance, ela se vestia com panos e adereços amarelos e dourados, uma coisa meio Oxum, e no que ia se vestindo, ela ia sorrindo, passando a mão pela própria pele, dançando, se deliciando com o próprio corpo. Daqui a pouco a coisa virava e ela começava a se olhar, chorar, expressar sofrimento e a performance se desenrolou na oscilação desses dois momentos.

Esta performance nos remeteu logo à história de Ponciá Vicêncio, a esta coisa do chorar e rir, do corpo que é lugar de delícia e sofrimento. Pouco tempo depois uma amiga, que é negra e havia vivenciado pela primeira vez uma situação de tiroteio, enquanto visitava uma favela aqui no Rio, contava sua experiência. Ela ficou muito impactada pela tensão vivida naquele momento e por saber que muitas pessoas, em sua maioria negras como ela, vivenciam esse tipo de situação frequentemente. Ela passou dias muito tomada por esta experiência e disse que achava que estava ficando meio doida, que começava a rir, daqui a pouco estava chorando, depois ria de novo. Então contamos para ela a história de Ponciá e a performance da Eliete. O encontro com estas três histórias nos diz que há uma certa experiência comum, que tem a ver com nossa história brasileira e com as estruturas racistas e machistas que constituem nossa sociedade.

Pensamos que a psicologia vem estando alheia a essas narrativas e a estes processos e no Kitembo temos tentado, no trabalho com a literatura e a oralitura, construir um corpo sensível a tais experiências.

Em uma de nossas reuniões de estudo pensamos a branquitude como um encosto, um encosto que assombra a todos nós, como um ideal que foi estabelecido no processo de colonização e reforçado no período de constituição da república como ideal de pessoa e de vida. Este encosto assombra a todos nós, mas principalmente aos negros e indígenas, que foram diretamente violentados e exterminados neste processo histórico. Esse é o encosto que temos tentado exorcizar nos nossos processos de pesquisa no Kitembo.

Kitembo é um ancestral bantu. Os bantus foram os primeiros negros a virem para o Brasil, em 1546. A Conceição Evaristo, que vem de Minas gerais, é possivelmente descendente bantu. Assim como Carolina Maria de Jesus, que nasceu na cidade mineira de Sacramento, em 1914. Yeda Pessoa de Castro destacou recentemente que dos quatro milhões de indivíduos trazidos da África subsaariana, 75% vieram do mundo banto-falante (Melo, 2008).

Kitembo é Tempo, o tempo que chega, o tempo que está aí, o tempo que vira, tempo bom, tempo ruim, tempo chuvoso, tempo seco; Kitembo é o

vento que indica a direção do bom pasto para o rebanho, para os bantos nômades pastores.

E de repente foi interessante que a gente fizesse na universidade um espaço para os negros, por onde a população negra e a comunidade de terreiro pudessem ocupar a universidade. O Tempo se preparava para mudar? Com a constituição do Kitembo - Laboratório de Estudos da Subjetividade e Cultura Afro-brasileira, começamos a nos encontrar e estudar e surgiu então questão de pesquisa. Como a gente deveria pesquisar?

Organizamos, nesse momento, o I Encontro do Kitembo, em 2014. Foi um encontro com lideranças das religiões de matriz africana, com os saberes do candomblé e da umbanda, para pensar o que e como pesquisar. E era preciso pesquisar em diálogo com a comunidade negra. Desde a década de 1980, quando a educação popular estava no auge, já reverberava em nós o que o Foucault dizia sobre "a indignidade de falar pelo outro", (FOUCAULT, 1979, p. 72).

Naquele momento, tivemos acesso a um texto que a professora Márcia Moraes, que esteve aqui em uma mesa anterior, emprestou, da Isabelle Stengers, que trazia a mensagem de uma outra ciência (STENGERS, 2013). A filósofa faz um questionamento sobre a ciência e sobre a civilização e propõe um manifesto para que a ciência fosse feita a partir do encontro entre grupos de cientistas e grupos de não-cientistas, as comunidades e povos que partilham os resultados da pesquisa dos cientistas. Stengers também considera, nesse texto no qual propõe uma cosmopolítica, que a ciência deveria manter um diálogo com os não-humanos, os peixes, por exemplo. Isto é interessante porque é o modo como o povo do candomblé fala de si, do mundo, da vida e, portanto, também da pesquisa. Já dissemos em outro lugar que o povo de terreiro é um povo pesquisador (SANTOS, 2015).

É também a cosmovisão banto na qual Kayala é a presença do mar; Katendê, da mata e das folhas; Mutalambô, é o caçador; Kitembo, o tempo; Nzazi, o fogo do interior da terra, o relâmpago e a justiça; Matamba, o trovão e o vento; Kavungo é a força da terra; Ndandalunda, a água fresca. Inquices, Orixás e voduns vão se apresentar, junto desse debate com os saberes de matriz africana e a pesquisa.

Então nós fizemos esse encontro que foi interessante e a questão de como pesquisar começou a ganhar um espaço particular e um caminho se fortaleceu e, sem que a gente percebesse muito, se intensificou e ganhou certa condição como do ar que a gente respira.

E aí, no Kitembo, nós nos demos conta de que só falávamos de como pesquisar, ao mesmo tempo em que falávamos das ervas, das forças do planeta, do sofrimento psíquico dos negros e das negras, da população

brasileira, a gente se deu conta de que a gente estava sempre se perguntando como faríamos esse tipo de pesquisa. Então fizemos um encontro para pensar a saúde da população negra, em 2015 e fizemos o III Encontro Kitembo, que aconteceu no ano passado. Este encontro já confirmava e fortalecia o que a gente vinha produzindo desde a constituição do grupo, que era pensar a psicologia, a pesquisa, a problemática do que deveria ser pesquisado e de como deveria ser pesquisado com a própria população. Só que nesse momento a gente ampliou a interlocução com quilombolas, grupos indígenas, povo de terreiro (que se manteve) e favelados do Rio de Janeiro.

Além de produzir várias questões em relação ao problema de como pesquisar, surgiu também uma coisa que foi nova para o Kitembo, um efeito que a gente não tinha previsto: um encontro de povos. Isso fortaleceu para nós a perspectiva de que a pesquisa não mais deve ser feita como se fosse um assunto de pesquisador. A pesquisa também deve ter alguns critérios éticos e políticos. Por exemplo, Nego Bispo, lavrador de uma comunidade remanescente de quilombo do Piauí, dizia que a gente precisava pesquisar e que a pesquisa deveria ter um certo sentido resolutivo, não apenas para o pesquisador ou para a universidade - que é a produção de uma tese, dissertação ou TCC, que resolve o problema para a instituição e para o candidato a graduado, mestre ou doutor -, mas também para as comunidades dos grupos indígenas, quilombolas, povo de terreiro e favelados.

Entendemos que este é um bom critério de pesquisa: ela deve ter um sentido resolutivo para estes grupos sociais. Obviamente que este sentido, na medida de nossas possibilidades de construção, deve ser pensado não exclusivamente pelo pesquisador, mas também pelas pessoas com as quais o pesquisador está pesquisando. Agora, não é um pesquisar juntos no sentido de que poderíamos ter auxiliares de pesquisa da própria comunidade. O “pesquisar com” aqui é construir o próprio objeto da pesquisa, o próprio sentido da pesquisa, a própria metodologia da pesquisa, ela tem que ter a participação da comunidade e não a participação individualizada de pessoas da comunidade, mas a participação de uma comunidade viva. A verdade é que a pesquisa ela acaba se colocando como uma espécie de dispositivo produtor de comunidade. E aqui é interessante ressaltar que não é um produtor de um plano comum, é produtor de comunidade, de pessoas que se reúnem e pensam pesquisa e pensam seus problemas.

E aí então o Kitembo vai se constituindo como um coletivo negro, um Quilombo, dentro da universidade. Nossa escrita então tem expressado narrativas muito singulares e também referências muito singulares. A gente inverte um pouco - embora talvez esse não seja um entendimento de todos os membros do Kitembo, não precisa ser - a relação de prioridade com a

escrita, a teoria, os teóricos e os pesquisadores. Nós entendemos que a pesquisa no campo da psicologia, não é difícil observar isso, ela prioriza o conceito e passa a qualificar a realidade, a ação das pessoas, a partir do conceito. E também frequentemente ela olha para o que está acontecendo na comunidade e faz um olhar apenas para confirmar o conceito. Por exemplo, o conceito de “cotidiano”, do Certeau. O pesquisador vai estudar o cotidiano da favela, mas não é o cotidiano da favela que aparece, é o cotidiano de Certeau que precisa aparecer. Ou seja, o sentido teórico, conceitual, é que dá diretriz do que deve ser observado, descrito e reafirmado. Então a gente acha que este tipo de pesquisa, além de estar sempre dizendo as mesmas coisas, ainda está dizendo as mesmas coisas a partir de uma sociedade ou de um contexto social que não são os nossos.

De onde vem essa ideia de pesquisar e tomar como referência o espaço europeu e os processos históricos da velha Europa? Ela vem da estratégia colonial. A partir da perspectiva colonial no Brasil, desde antes da abolição, mas isso se intensificou depois de 1888, os intelectuais decidiram que seus referenciais teóricos, éticos, técnicos deveriam se aproximar do mundo dito civilizado, do mundo branco. E se afastam então, em todos os sentidos, de uma convivência com os negros, de uma possibilidade de união com negros e indígenas, e vai de fato preferir uma aproximação com o universo simbólico e cultural europeu. O Clóvis Moura, que é um sociólogo negro, chama isso de gradiente étnico. A gente poderia também traduzir para uma linguagem deleuziana de “diagrama de poder”. Mas eu gosto de “gradiente étnico” porque no Brasil - não só no Brasil, mas aqui é importante explicitar esta característica -, o poder tem essa marca de seleção étnica. Ele vai selecionando os saberes, símbolos, processos e grupos sociais a partir de uma seleção étnica. É assim que a universidade se constitui, o saber da Psicologia e da psiquiatria inteiro se constituem assim, mas também a Sociologia, a Comunicação Social, também na História e em todos os campos das nossas ciências. Fanon (2008) chama a isso de enfeitiçamento colonial. Então, não é por acaso que os intelectuais preferem se referir ao maio de 68 francês, à revolução industrial, à comuna de Paris e a uma série de processos de movimentos sociais da França, da Inglaterra, da Itália e de outros países europeus, mas não conheçam os quilombos, por exemplo. Desconhecem completamente os quilombos e as inúmeras revoltas dos negros e dos indígenas. Desconhecem completamente ou quase completamente os conhecimentos dos indígenas e os conhecimentos dos negros.

Então, nós também entendemos que nossas narrativas deveriam trazer não apenas uma história de Exu, não apenas uma história de como fazer uso das ervas, mas também trazer o sentido de tais histórias na resistência

negra. Ou seja, dentro do Kitembo a gente procura não fazer um trabalho culturalista, que também a gente considera uma espécie de trabalho de branco: fazer um destaque de um aspecto etnográfico, separar das nossas lutas e a partir daí fazer uma valorização que no final também produz extermínio. Então esse tipo de cuidado a gente está tentando praticar.

Mas também é importante dizer que tem pouquíssimo tempo que temos feito essas experiências. Temos poucos resultados em termos de escrita e também estamos ensaiando estas coisas. Tem algumas referências que gostaríamos de trazer para vocês, que são interessantes, que vieram nesse processo de produção dessa escrita nesse viés de Kitembo, desse novo tempo, desse tempo que está vindo, desse começo dos tempos. Outro dia reproduzimos essa frase comum, de que estamos no fim dos tempos, e alguém corrigiu: “não, é o começo do tempo”. Sim, é o começo dos tempos para nós negros, um novo tempo dentro da universidade. É o sentido dado pela ancestralidade bantu, que é Kitembo. Mas essa luta absolutamente não começa agora, ela vem de muito longe.

Uma outra referência que gostaríamos de trazer é o Lima Barreto. Lima Barreto é um achado em vários sentidos, mas queríamos destacar aqui o que diz respeito à narrativa. Ele propõe em um texto de 1918 uma “literatura militante” (BARRETO, 2017, p. 128). É interessante porque não é uma proposta que vem apenas da cabeça dele. Ele traz como referência vários autores brasileiros e estrangeiros, como Eça de Queiroz e Natalie France, que também propõem uma literatura militante. O que seria uma literatura militante na perspectiva de Lima Barreto? Ele diz que a literatura deve criar um campo de solidariedade, de pertencimento mútuo, de identidade. Nas palavras dele, a arte tem “o destino de revelar umas almas às outras, restabelecer entre elas uma ligação necessária ao mútuo entendimento dos homens” (BARRETO, idem, p. 129). É isso que Lima Barreto está chamando de uma literatura militante. A literatura deve nos “ligar”, ele diz. Me parece que isso se conjuga com o propósito da pesquisa que o Kitembo tem feito.

A Daniele Caron, que apresentou o trabalho anterior, falou justamente de um encontro, uma perspectiva, uma direção que ela foi dando pra si de um encontro com uma população de rua. Temos defendido que há algo importante de reconhecer e afirmar: não se trata de um encontro com a população de rua, apenas, mas com a população negra, com os coletivos negros. Há inúmeros coletivos negros, então essa metodologia ou esse caminho de pesquisa seria também uma forma de nos ligar, nos conectar em uma sociedade de *apartheid*, principalmente dentro da universidade, conforme deixa bem explícito José Jorge (2003). Fazer esse reencontro é a possibilidade de criar o tempo novo, um tempo que virá.

Outra citação do Lima Barreto, interessante para falar dessa literatura militante: “em vez de estarmos aí a cantar cavalheiros de fidalguia suspeita e damas de uma aristocracia de armazém por atacado, porque moram em Botafogo ou Laranjeiras, devemos mostrar nas nossas obras que um negro, um índio, um português ou um italiano podem se entender e podem se amar, no interesse comum de todos nós” (BARRETO, *idem*, p. 130). Buscamos então na pesquisa esse sentido, essa perspectiva militante.

Em uma entrevista, Conceição Evaristo chama o jeito dela escrever de *escrevivência*. Tem algo interessante aí, porque *escrevivência* é uma parte da literatura do Lima Barreto. Por exemplo, “Recordações do escrivão Isaías Caminha” é quase uma autobiografia. É uma ficção, mas com muitos elementos de sua história de vida. De sua história de vida, exatamente como Conceição Evaristo fala. O que seria *escrevivência*? Ela diz: “Eu escrevo a partir de minha própria condição de mulher negra, de mãe, de cozinheira, de empregada doméstica, de faxineira, de babá, de moradora de favela e da minha ancestralidade” (EVARISTO, 2016). Isso para ela é *escrevivência*. É uma fala na qual ela está implicada desse jeito, não é apenas uma implicação política. É bem mais do que isso. O jeito do Lima Barreto escrever as memórias do seu personagem Isaías Caminha tem muito disso, nesse texto e em muitos outros. Ele é um autor negro e no modo de escrever ele não abre mão disso. Sua posição é diferente de autores como Machado de Assis, por exemplo, que escreve, em pleno período da escravidão como se ele estivesse em Paris. Isso é muito importante, porque Machado de Assis é o mulato, o negro que se vê como branco.

Na maior parte da pesquisa em psicologia que vemos, os pesquisadores escrevem, seguindo a inspiração machadiana, como se estivessem em Paris. Mesmo falando da favela, falam como se estivessem em um mundo sem negros nem indígenas, como se os não-brancos não estivessem lutando para poder existir, em combate contra o Estado exterminador. Esquecem completamente disso. Machado de Assis é um autor assim e o Lima Barreto não só o critica como diz: *minha literatura não é assim*. A perspectiva do Lima Barreto é de dizer que só no formal não dá. Ele está inclusive dialogando com outros autores.

Uma outra perspectiva da gente tem sido a conversa com os favelados, como um pessoal que discute já há um ano e meio sobre pesquisa em favelas e eles dizem que é preciso falar sobre os modos de cuidado que já existem nas favelas e que é uma situação absolutamente delicada isso que acontece nas favelas e que se tem classificado como ações de extermínio do Estado, da juventude negra. Há inclusive diversas formas de organização, que são aparentemente contemporâneas mas que se conectam com o

quilombismo, que é uma noção de Beatriz Nascimento e Abdias Nascimento, que é a ideia de que os negros se organizam socialmente como quilombos. Essa é uma ideia interessante porque ela tem efeitos políticos, culturais, de saúde e etc. Quilombos são espaços negros.

Tem também um outro tipo de literatura que compõe com nosso estilo que é conceito de genealogia do Foucault, especificamente quando Foucault diz que se trata de um acoplamento dos saberes insurgentes com os saberes eruditos (FOUCAULT, 2005). Quando Foucault diz isso não se trata de ler o mundo todo a partir de uma perspectiva francesa, nem foucaultiana. O caminho que estamos trilhando é que, no mundo, cada local olha para sua própria realidade e extrair daí os saberes em luta, os saberes insurgentes e se posicionam se conectando com esses saberes, se encontrando com esses saberes. Esses encontro de saberes então é o que Foucault chama de genealogia.

A perspectiva do Kitembo é atravessada por estes vários conceitos. Mas é importante também dizer que estes vários conceitos nos orientam, mas eles não nos determinam. A nossa proposição, o nosso cuidado é de estar mais conectado com a nossa realidade e as dificuldades colocadas pelas comunidades do que propriamente a gente se colocar como pesquisadores das comunidades. A gente está chamando isso de pesquisa aterrada. Os três encontros realizados em 2014, 2015 e 2017 afirmam e constroem o caminho de uma Psicologia feita com povos de terreiro, povos indígenas, quilombolas, moradores de favela. A psicologia, então, não é o resultado das pesquisas que serão partilhadas, distribuídas e consumidas. As comunidades precisam pautar e construir junto conosco os caminhos da pesquisa, os caminhos das metodologias, os assuntos e questões a serem pesquisados. É em um encontro de fato, num país construído no *apartheid* entre negros e brancos, que queremos afirmar, de onde a gente quer começar essa psicologia aterrada.

## Referências

BARRETO, L. **Literatura militante**. Em. REZENDE, B. (Org.) Impressões de leitura e outros textos. São Paulo: Companhia das Letras. 2017, pp. 128-131.

CARVALHO, J. J. As ações afirmativas como resposta ao racismo acadêmico e seu impacto nas ciências sociais brasileiras. *Teoria e Pesquisa*, 42 e 43, 2003, pp. 303-340.

MELO, A. **75% dos escravos levados para o Brasil eram banto**. Fundação Palmares, 2008. (<http://www.palmares.gov.br/archives/2889>. Acesso em 08/06/2018).

MOURA, C. **Sociologia do negro brasileiro**. São Paulo: Ática, 1988.

EVARISTO, C. **Ponciá Vicêncio**. Rio de Janeiro, Pallas: 2017.

EVARISTO, C. **Conceição Evaristo: a literatura como arte da ‘escrevivência’**. O Globo, dia 11/07/2016. Em: <https://oglobo.globo.com/cultura/livros/conceicao-evaristo-literatura-como-arte-da-escrevivencia-19682928#ixzz5BABjyWZQ>. Acesso em 22/06/2018.

FOUCAULT, M. **Em defesa da sociedade** (Aula de 7 de janeiro de 1976). São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FOUCAULT, M. & DELEUZE, G. **Os intelectuais e o poder**. Em FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979, pp. 69-78.

MARTINS, Adilson. **Lendas de Exu**. Rio de Janeiro, Pallas: 2011.

SANTOS, A. O. *Culture africaine au Brésil : rêve, résistance et singularisation*. Chimères, Paris, n.86, p. 73-84, 2015.

STENGERS, I. **Une autre science est possible**. Paris: La découverte, 2013.

---

[1] Itan (história sagrada da tradição oral iorubá) sobre o orixá Exu, registrada na coletânea feita por Adilson Martins, intitulada “Lendas de Exu”.

[2] Ayó - Encontro Negro de Contação de Histórias, realizado em novembro de 2017, em Barra de Guaratiba, na sede do coletivo Mulheres de Pedra. Informações e próximas edições em: <https://www.facebook.com/ayoencontronegro/>

**Como citar**

Santos, Abrahão de Oliveira; Silva, Viviane Pereira da. **A Pesquisa no Kitembo - pistas para a construção de uma psicologia aterrada**. Arcos Design. Rio de Janeiro: PPD ESDI - UERJ. Edição especial Design.com V. 11 N. 1, julho 2018. pp. 7-20. Disponível em: [<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/arcosdesign>]

---



A Revista Arcos Design está licenciada sob uma licença Creative Commons Atribuição - Não Comercial - Compartilha Igual 3.0 Não Adaptada.